

CONSOLAÇÃO DE LYSIA,
NO JUSTO SENTIMENTO DA FALTA
DE S. A. REAL.

O SENHOR

D. JOSÉ

PRINCIPE

DO BRAZIL,

POR HUM ARCADEA MALIANENCE.



LISBOA

Na Officina dos Herdeiros de Domingos Gonçalves

ANNO M. DCC. LXXXVIII.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

L259



NA mílera tristeza,
Com que Lyfia chorava a Sua Alteza.
Nos funebres retiros,
Encontrando com huns, outros suspiros,
As tranças desatadas,
Mal cubertas as carnes delicadas,
O rosto macerado,
O nívio Corpo por terra já lançado;
Do peito lhe sahia
Cançada, e terna voz, que assim dizia.
Ah! quanto me enganava;
Quando feliz, virtudes contemplava.
Do Principe preclaro,
Cuidando ser, duravel nosso amparo.
Com quanto gosto eu via,
Que todo o seu thesouro despendia;

Pela

Pela fraca pobreza ;
Essa já fria Mão de Sua Alteza.

Via , que os seus cuidados
Eraõ de proteger desamparados.

Dizia a mim gostoia
Neste Lyfia es feliz , es venturosa.

Mas hoje , que amargura !
Quanto respiro he mágoa , he desventura.

Eu o via occupado ,
Na sciencia , que faz o bem do Estado ;

E tambem igualmente
Na sciencia da Lei da Christãa gente.

Que esperança entãõ não tive
De hum bom Rei , Pai da patria , mas não vive

Eu vi o zello ardente ,
De sef feita a justiça igualmente ,

E quanto lhe devera ,
Como Virtude que do Ceo descera.

Como

(5)

Devoto, e compassivo

Ea o vi ante o throno do Deos vivo :

Dentro no santo Templo ;

Mas, que será de mim se mais contemplo!

A santa obediencia ,

Que á Regia Mãe prestava, evidencia ;

Dava de huma alma pura ;

E de hum coração cheio de ternura.

Aquelle Amor santo

Com que a Esposa, e Tia amava tanto ?

A todos bem mostrava ,

Que em ser fiel a Deos se disvellava.

Mas, tudo de hum só corte ,

A cinza do azio a iniqua morte.

Quem meus tristes filhos

Os pés rega dos pálidos Pampilhos ;

Rasgai da galla as vestes ,
Ornai os vossos lutos de Cyprestes ,
Que esta só he a divisa ,
Que o nosso puro amor caracteriza.
Porém , se a pena nossa ,
Não tem remedio , nem dá-lo-ha quem possa ,
Se a triste natureza ,
Pede que nos fartemos de tristeza ,
Eu passo a recontar-vos ,
Tristes lembranças , que devão magoar-vos.
Ajude a voz cançada ,
Essa filha do Erebo maremada ,
Que em toda a noite , ou dia ,
Não se affasta da minha companhia.
Mas , a alma estremece ;
Prende-se a voz , o peito desfallece ,

A árida garganta ,
Parece soffucar-se em pena tanta.
Eu cuido estar ouvindo
Sulfureas vozes , que o metal ferindo ,
Os montes aballavaõ ,
E nas fúnebres cavernas reçoavaõ.
Parece estas diziaõ ,
Que os prazeres de Lyfia fenciaõ ;
Com quanta magoa o digo !
E que perdera Pai , Principe , e Amigo.
Ao Paço de repente ,
N'um transporte da dôr o mais vehemente
Corro , mas que vejo !
A todos respirar pezar subejo ,
Já vejo com desmaios ,
As armas de Mayorte , - ardentes raios ,

As Lanças, e as Bandeiras ;
Já todas para a terra sobranceiras ;
As caixas furdamente ,
Já chamando a pezar a Lufa gente ,
Que ainda mal se reparte :
Soão clamores , em huma , e outra parte ;
Tornou-se em cinzas frias ,
Aquelle que esperançava faustos dias
A Portugueza gente ,
Ha quem finta mor mal , dor mais pungente ?
O meu Principe amavel :
Dizia cada hum inconsolavel :
Morreo ? ah ! quem pudera ,
Fazer que como a Fenix renascera .
Mas , se tal não consente
Anossa infeliz sorte , tristemente .

A vida passaremos;
Em quanto o amargo mundo não deixemos.
Eis que com furia brava,
Do bom Rio , que os pés á Lyfia lava ;
Dois Tritões vem furdindo ,
Alvas crinas, e as caudas sacodindo ;
E n'um carro luzente
O Padre Téjo á Lyfia põem patente;
Basta já filha amada ;
De julgar-te infeliz , e desgraçada?
Sempre do que he mais velho ;
Deve ouvir-se a razão, e o conselho,
O que hoje choramos ,
Da Arvore Regia he hum só dos ramos ;
Ella existe pomposa
Isto basta a fazer Lyfia ditosa ;

E por virtudes bellas
Chegará a sobir mais que as Estrellas.

O fer he não duravel,
Pelo poder da morte inconstavel,

Do homem a fraqueza,
Fez que o mesmo Author da natureza

A fim a sujeitasse,
Porque o humano em si recogitasse.

Póde ainda largos annos
Viver, para exemplo dos Soberanos,

E para amparo nosso.
Do Successor preclaro dizer posso,

Que nelle nos segura
O Votidico Deos, a mór ventura,

Que na minha dor forte
Fallou comigo, e disse desta forte:

Se

(11)

Se do Príncipe o nome
Já o tempo, ou a inveja não consome,
Tambem no vasto mundo,
O de João soará sem ter segundo.
Altos dons que devera
A Regia Mãe, e Irmão, com quem vivera
A seus pés reverente;
Da Africa adusta todo o continente,
Tu has de ver prostrado
Aos pés do novo Augusto, e dilatado
Seu dominio, e poder,
A Asia tú lhe verás vir offrecer;
Sem que a intimide a guerra;
Os grandes thesouros, que em si encerra
Lá do novo mundo,
O fúlgido metal do sentral fundo;

Com

Com ancia verás tirar-se ;
Para aos Regios Erarios transportar se.
A culpa corregida ,
Has de ver , e a virtude soccorrida :
Por paternaes cuidados ,
Has de ver abundancias nos Estados :
Tanta felicidade ;
Tú has de ver ; que exceda a do ouro idade
Na posse d'um Soberano
Melhor do que foi Tito , e foi Trajano.
E de louvor mais dino ;
Que Marco Aurelio , Octavio , e Antonino ;
Pois com saber profundo
Será gloria da Patria , Europa , e Mudo.
Enxuga o amargo pranto ,
Se accaso o meu conselho póde tanto ;

Pois

Pois mostra a experiencia;
Que o ser humano não tem presistencia.
Assim, oh Filha chara,
Outro tempo feliz se te prepara
Em João novo Augusto,
Príncipe sabio, valeroso, e justo.
Soaráo seus louvores,
Tapeçada serás de bellas flores,
Cingindo a cinta esquiua,
Nas Frontes, os teus filhos, dirão viva;
E em gosto tanto,
De Mitho, Cinamomo, e de Aramanto
Faráo largos faustões,
Com que unidos lhe dem seus corações.

Si aliquid dixi contra fidem in dictum volo.

